

VIDA QUE ACONTECE EM ONDAS: a natureza na Educação em Geografia*LIVE THAT HAPPEN IN WAVES: nature in Geography Education**VIDA QUE SUCEDEN EN ONDAS: la naturaleza en la enseñanza de la geografía***RESUMO**

Vida que acontece em ondas é artigo com a Educação em Geografia apresentando (des)encontros caóticos para devires outros. Está estruturado em três sessões: a. *Expressões do Conteúdo* na qual o dilema da fragmentação Geografia Humana/Geografia Física é problematizado gerando a pergunta: Frente a este cenário, qual(is) seria(m) a(s) operação(ões) intelectual(is), às margens, que nos possibilitariam quadros geográficos outros, também, empiricamente? Qual seria a problematização aos moldes derridianos que nos localizaria dentro e fora?, b. *Expressões da Produção* pelo qual se defende que o pensamento é sempre enquadrado por Frames derivados de experiências de vida e que se produz conhecimento não apenas racionalmente, sendo a percepção fundamental, c. *Expressões da forma* pela qual é relatada visita ao Museu da Natureza no Parque Nacional da Capivara. Visita engendradora de pensares que forjaram a proposição de ativar o conceito de Natureza na Educação em Geografia. Na finalização, *(Des)encontros caóticos*, marcando que as expressões se encontram caoticamente reativando hegemonizados frames ou forjando frames outros, propõe que a Educação em Geografia via significações outras do conceito de Natureza possibilitaria pensares de uma ecologia radical pós-humanista. Um devir-natureza.

Palavras-chave: fragmentação geografia humana/física; Natureza; quadros geográficos; Experiência; Pensamentos Insones.

ABSTRACT

Life that happens in waves is an article with Education in Geography presenting chaotic (dis)encounters for other becomings. It is structured in three sessions: a. *Content Expressions* in which the dilemma of Human Geography/Physical Geography fragmentation is problematized, generating the question: Faced with this scenario, what would be the intellectual operation(s), on the margins, that would allow us other geographical pictures, also, empirically? What would be the problematization of the Deridian molds that would locate us inside and outside?, b. *Expressions of Production* by which it is argued that thought is always framed by Frames derived from life experiences and that knowledge is produced, not just rationally, perception being fundamental, c. *Expression of the way* in which a visit to the Museum of Nature in the Capivara National Park is reported. Visit engendering thoughts that forged the proposition of activating the concept of Nature in Education in Geography. In the conclusion *Chaotic (Dis)encounters*, marking that the expressions meet chaotically reactivating hegemonized frames or forging other frames, it proposes that Education in Geography via other meanings of the concept of Nature would enable thinking of a post-humanist radical ecology. A becoming-nature.

Keywords: fragmentation human/physical geography; Nature; geographic frameworks; Experience; Sleepless Thoughts

 **Maria Ignez da Silva de Souza
Carvalho^a**

^a Universidade Federal da Bahia (UFRJ),
Salvador, BA, Brasil

DOI: 10.12957/geouerj.2023.78609

Correspondência:
misc@ufba.br

Recebido em: 18 ago. 2023

Revisado em: 18 ago. 2023

Aceito em: 09 nov. 2023



RESUMEN

La última década en el campo de la Geografía ha estado marcada por una fuerte presencia del cuerpo en estudios e investigaciones, especialmente en lo que respecta al proceso de producción espacial. Al comprender la escuela como un espacio producido y el cuerpo como un elemento constituyente de la producción espacial, el argumento de este texto es que el encuentro entre la escuela y la Geografía ocurre a través del cuerpo. Esto presupone una partida de la relación inicial entre la Geografía y la escuela a través de la lógica de la enseñanza reducida al objeto epistemológico. Siguiendo las huellas de una Geografía encarnada, este encuentro representa una dinámica continua de relación con la diferencia, que lo desafía y le da forma. Partiendo de una experiencia compartida en el espacio escolar como catalizador para las discusiones en este texto, realizamos un ejercicio de pensamiento que incorpora las experiencias sensoriales del cuerpo. El argumento desarrollado busca pensar la diferencia como un eco, desmantelando la lógica binaria que construye la diferencia como un otro diferente y, de esta manera, reimaginar la producción del espacio escolar a partir de la implicación y la infinitud que conlleva la espacialidad del cuerpo.

Palabras Clave: fragmentación de la geografía física/humana; Naturaleza; marcos geográficos; Experiencia; Pensamientos sin dormir.



INTRODUÇÃO

Este é um artigo sobre, ou melhor, é um artigo com a Educação em Geografia. Menos *sobre*, pois não se pretende uma Apresentação - arte de mostrar algo - e mais *com*, uma vez que se anseia uma Apresentação - a arte do a-com-tecer (CARVALHO, 2008). No dicionário Abbagnano, encontramos:

PRESENTAÇÃO (in. Presentalion; fr. Présentation-, ai. Präsentation-, it. Preseiitazioue). Conhecimento imediato ou direto: percepção ou intuição. Esse termo foi introduzido por Spencer. que fazia a distinção entre conhecimento presentativo (que se tem quando "o conteúdo de uma proposição é a relação entre dois termos, ambos diretamente presentes, como quando machuco o dedo e estou simultaneamente ciente da dor da sua localização") e o conhecimento representativo, que é a lembrança ou a imaginação do outro conhecimento (Princ. of Psychology, § 423). Esse termo foi aceito por muitos psicólogos no séc. XIX. Mas hoje está em desuso (ABBAGNANO 2007, p. 1233)

Mesmo apresentado como em desuso, é termo que tem bem-vindas aparições aqui e acolá. Pouco antes da pandemia, tive a felicidade de ouvir de Zé Celso Martinez, em espetáculo no Teatro Oficina, que ele *presentava e não representava*, assim como *existia e não resistia*. Esta última expressão muito viralizada nas redes sociais após sua morte. Foi este, um encontro providencial com a expressão *presentar*, que já vínhamos introduzindo em nosso grupo de pesquisa nas discussões críticas sobre a hegemonizada abordagem representativa. E presente, com consistência teórica, na dissertação, tornada livro, de Vitor Marques, *Cartografia Profana: uma Experiência do Absurdo na Geografia Escolar*. (2022).

Assim sendo, este artigo apresenta quereres sobre a Educação em Geografia, cartografando-os em expressões de conteúdo, de forma e de produção. Isto em uma defesa de que, teluricamente, os devires ocorrem no (des)encontro caótico destas expressões.

Então, proponho um outro começo para este artigo: Este é um artigo com a Educação em Geografia presentando (des)encontros caóticos para devires outros.



EXPRESSÕES DE CONTEÚDO

Geografia Física – é a área da ciência geográfica que estuda os aspectos naturais do planeta Terra. Logo, são seus pontos de interesse:

os elementos do relevo, da geologia, do solo,

do clima, da vegetação e da hidrografia.

Geografia Humana – é a área da ciência geográfica que se relaciona diretamente às ações humanas dentro do espaço. Logo,

seus pontos de interesse são: a dinâmicas dos seres humanos com o meio em que vivem e com os demais de sua espécie.

De modos mais ou menos complexos é esta a divisão que, ainda, - mesmo que não mais como exclusividade - encontramos nas geografias contemporâneas quer sejam elas os estudos do ensino básico, no fazer universitário, ou mesmo, das hostes científicas.

Ainda nos anos 70, como estudante de Geografia da USP (Universidade do Estado de São Paulo), iniciei o curso com disciplina que nos ensinava a beleza da “unidade” geográfica para nos semestres seguintes sermos instados, na matrícula, a escolher entre opções que era classificadas em Geografia Humana ou Geografia Física. Atravessado o século, no ano passado (2022), observo como as coisas continuam iguais: professora de estágio supervisionado, vi os estudantes proporem em projeto cuja temática era Mudanças Climáticas, as seguintes oficinas: clima, relevo, água e impactos sociais.

A crise desta classificação é antiga. Muito se critica a fragmentação homem/natureza, timidamente se provoca sobre a relação homem/natureza, e aventam-se que o homem é, também, natureza. Na minha longa trajetória com e nos processos de ensino e aprendizagem da geografia, fabulo que nas teorizações o quadro geográfico mais hegemonizado é o do “homem como constituinte da natureza”, entretanto nos processos



empíricos - e posso me referir, principalmente, aos escolares -, o homem e a natureza são, quase sempre, 2 objetos distintos.

Frente a este cenário, pergunta-se: qual(is) seria(m) a(s) operação(ões) intelectual(is), às margens, que nos possibilitariam quadros geográficos outros, também, empiricamente? Qual seria a problematização aos moldes deridianos que nos localizaria dentro e fora?

EXPRESSÕES DA PRODUÇÃO

Paulo Costa Gomes (2017), no início do livro “Quadro geográficos: uma forma de ver, uma forma de pensar”, declara: a Geografia é uma forma de pensar, e disso estou serenamente consciente (posição 63). Pensamos por quadros e isto está além da geografia. Vivemos enquadrados, pois não há outra possibilidade de manifestação, não nos livramos do que somos ao pensar, mais ainda, só pensamos a partir do que somos. Quadros, molduras e uma metáfora trazida da linguagem cinematográfica: frame. Em um filme temos frames, inventados pelo diretor e sua trupe, que direcionam o entendimento do filme e eu, singularmente, o assisto cerceado pelo meu próprio quadro/frame forjado ao longo da vida. O que temos na geografia são, pois, quadros Geográficos.

Começamos aceitando que mudanças em nossos quadros geográficos só acontecem com afetações, positivas e/ou negativas. E para a conversa sobre afetação, a relacionaremos a uma certa noção de Experiência. Por esta noção, viveríamos uma experiência quando somos afetados por/em alguma vivência. Para Larrosa (2002) experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece e para Dewey (1985), a expressão que define se um movimento vivido foi uma experiência é quando, em um repente, se exclama: Que experiência! Traduzida no português cotidiano em: O que foi/é isto?

E podemos seguir com exemplos que povoam as lendas científicas:

- Lá na Grécia Antiga:

Era uma vez um rei. E um sábio. O rei se chamava Hierão, e o sábio, Arquimedes. Os dois viviam em Siracusa, cidade-Estado da Grécia Antiga. O rei mandou fazer uma coroa todinha de ouro, mas ouviu uns boatos de que o ourives não tinha usado apenas ouro para fazer a coroa, e ficou desconfiado. Mas se a coroa era totalmente dourada, e se parecia muito com ouro puro, como fazer então para ter certeza sem destruí-la?

É aqui que entra o sábio. O rei consultou Arquimedes para resolver o problema da coroa de uma vez por todas – provar se ela era toda de ouro ou não. Estava o sábio grego, um belo dia, a tomar banho numa banheira, entretido com essa questão. De repente, ele teve um vislumbre da solução e saiu correndo, nu (!) pelas ruas da cidade, gritando “Eureka, Eureka!”, que em grego quer dizer “Descobri, descobri!”. (BATALHA, 2015).



- Já no Mundo da Ciência Moderna:

Uma maçã cai da árvore debaixo da qual o grande físico britânico Isaac Newton (1642-1727) está deitado a contemplar o céu e a ponderar os mistérios da Natureza. Bate-lhe na cabeça e, nesse preciso instante, faz-se luz na mente do (ainda jovem mas já) sábio cientista e ele acaba por perceber as leis da atracção universal. Se nunca ouviu esta história, bastará fazer uma pesquisa de imagens no Google - por Newton e *apple* (ou por Newton e maçã, ou *pomme*, ou *manzana*, etc.) - para se convencer da sua popularidade: ainda hoje, continua a ser objecto de inúmeras caricaturas. (A História, 2015).

Em pesquisas sobre estas histórias, percebe-se que elas são vistas, na maioria das vezes, como anedotas. Em minhas buscas, cheguei, mesmo, a um artigo denominado *A maçã de newton: história, lendas e tolices* (MARTINS, 2006) que tinha como objetivo alertar que estas lendas não deveriam ser contadas das escolas, pois seria transmitir às crianças e adolescentes uma visão errônea da ciência ferindo o racionalismo.

Defendo, diferentemente, que elas são verdadeiras. Não importando se aconteceram concretamente ou não. É **o momento revelador**: Que experiência! de Dewey, *O que nos passa* de Larrosa, Eureka!! de Arquimedes, a maçã de Newton. E nosso cotidiano: O que foi isto?!

Continuando na licença ao cotidiano, cabe a pergunta: *quem nunca?* Estas exclamações, mesmo que acompanhadas de interrogação, revelam que um conhecimento pode estar a caminho de ser produzido.

O momento perceptivo - quando experiência - é produtor de conhecimento, porque somos seres teorizantes independente das institucionalizações. O termo *ser teorizante* é invocado em trabalho recente (CARVALHO, 2018). É na onda destes estudos que é forjado um outro termo, Pensamento Insone, que caminha para um frame outro que não o da racionalização como a centralidade da produção do conhecimento:

E no início era o verbo ... dos pensamentos insones.

Novas ideias começam com pensamentos insones. Quando elas ainda (quase) não existem pipoca aqui e acolá algum disparador: seja do lado de fora ou do mais recôndito da alma; seja fruto da procura dias a fio ou trazidas repentinamente, quiçá, pelo vento (também vale o do ventilador ou do ar-condicionado); às vezes bem-vindas, outras nem tanto.

Pensamento vai, pensamento vem, trazendo dilemas, tensões próprias da incompletude e da infinitude. São pensamentos indeterminados e sem controle. Pensamentos que tentamos vencer, pois é da natureza humana o desejo, sempre potente, de resolver os dilemas, se livrar das tensões, se completar em nossa finitude.

Os pensamentos insones, insolentes, aprofundam os dilemas; os desejos de solução, conduzem ao pensamento desperto, o senhor das conclusões. A quietude das conclusões nos leva de novo ao sono, ao sonho, ao insone... (Carvalho, 2022).

Desafeito da racionalidade, o pensamento insone é motor da produção do conhecimento. Newton estava insone quando a maçã lhe caiu na cabeça. Arquimedes estava desatento quando escorregou na banheira. E esta é uma das camadas da construção do conhecimento.



Criaremos aqui uma classificação, provisória como qualquer outra, de camadas da aquisição/produção do conhecimento. Camada como metáfora de uma construção natural. Exemplifiquemos com as camadas de uma rocha sedimentar que mesmo com vestígios de uma cronologia se movimentam, se transpassam, se borram. Não as camadas de construtos humanos que assoalhadas pretendem a não comunicação entre uma e outra. Vamos a elas:

A. Informação. É o recebimento da existência do fato. É o nível do racional, o importante/necessário aprendido do conhecimento sócio-histórica-geograficamente construído. É algo exógeno, não me pertence. O famoso saber para a prova.

Em uma brincadeira com sala de aula: *ainda bem que bateu o sinal.*

B. Apropriação. É o primeiro encantamento. Eu me sinto nele (fato/conhecimento), mas ele não sou eu. Relações outras, ainda tênues, se estabelecem. Ainda é um conhecimento recebido. É algo exógeno com o qual eu flerto sendo seduzida.

Em uma brincadeira com sala de aula: *nem percebi que o sinal bateu.*

C. Pertencimento. É quando/onde o conhecimento se produz. A exogenia dá lugar a endogenia. O caminho até aqui é uma trilha de minimização do racional, pois sem acionar a percepção não se constrói conhecimento. É aqui uma das moradas do Pensamento Insone. É o momento da experiência.

Em uma brincadeira com sala de aula: *professor, vc tem um tempinho para mim, agora depois da aula?*

A pensar: não se atinge o Pertencimento sem alguma informação (A) e sem encantamento (B), portanto a percepção não é, sempre, algo anterior ao racional como é defendido por algumas tradicionais abordagens científicas. O momento perceptivo - quando experiência - é produtor de conhecimento, porque somos seres teorizantes, como já foi anunciado, independente das institucionalizações e que o pensamento insone é motor da produção do conhecimento. É o pensamento insone, artístico, e é a literatura, sempre instigadora de compreensões. Valendo-me dela (literatura), envolvo uma dissertação de mestrado (SANTOS, 2011) que alude a instigante livro que relata de forma vívida um pensamento insone que foi experiência, e, portanto, produziu conhecimento:

Eu estava lendo o romance *O Jovem Törless*, de Robert Musil, e fui convidada a participar de uma aula na qual a obra seria discutida. Há no romance uma passagem, tão bela quanto interessante, na qual o protagonista, um jovem estudante em um internato [de colégio interno no Império Austro-hungaro do começo do século passado], *compreende* o conceito de *infinito*, tão falado nas aulas de matemática, observando o céu.

No dia da discussão da obra, enquanto o grupo debruçava-se sobre uma outra passagem do romance, em meu pensamento, o trecho sobre o infinito ganhou outra dimensão. *Se os livros permaneceram os*



mesmos [...] nós com certeza mudamos, e o encontro é um acontecimento totalmente novo (CALVINO, 1993 p. 11). *Experiência* era a palavra para dizer o que acontecera ao jovem Törless naquela tarde em que notara o quão profundo e distante era o céu! Törless teve uma *experiência*.

– O infinito! – Törless conhecia o termo das aulas de matemática. Jamais imaginara nada de especial a esse respeito. O termo voltava sempre: algo que alguém um dia inventara e desde então fora possível fazer cálculos com ele, tão precisamente como com qualquer coisa sólida. Era exatamente o que valia no cálculo; e Törless jamais fizera nenhuma tentativa de entendê-lo para além disso.

Agora, porém, varava-o como um raio a compreensão de que essa palavra continha algo terrivelmente inquietante. Parecia-lhe um conceito domesticado, com que fizera diariamente pequenas artes, mas que de repente se libertara (MUSIL, 2003, p. 69/70).

Ao compreender a *experiência* de Törless, eu também tive uma *experiência*. Dias antes eu havia lido *A arte como experiência*, de John Dewey, e *Como se chega a ser o que é. Para além da Bildung*, de Jorge Larrosa, textos que falam, respectivamente, sobre *experiência* e sobre *formação*. Àquela tarde, as duas palavras passaram a fazer sentido em mim e para mim, e foram buscar na gaveta da memória outra ideia...

Törless e Paulinha Moreira foram afetados, provavelmente positivamente. Talvez, a experiência só seja possível com o conhecido – o conceito de Infinito era conhecido do Jovem Törless, o de experiência de Paulinha - e nela, a experiência, se passa a conhecer o conhecido, ou seja, o conhecido se torna *terrivelmente inquietante*.

Camadas A, B, C da produção do conhecimento, que mesmo com vestígios de uma cronologia se movimentam, se transpassam, se borram e se recomeçam permitindo que em um mesmo filme, com os mesmos frames inventados pelo diretor e sua trup, eu, o assista, singularmente, cerceado pelo meu próprio quadro/frame que já é outro, pois forjado ao longo de uma vida que já é outra. Assim poderemos ter na geografia quadros Geográficos outros.

Voltemos, então, ao nosso dilema inicial: geografia física, geografia humana. E socializo aqui uma experiência.

EXPRESSÕES DA FORMA

Em julho desde ano (2023), estive na Serra da Capivara, o belo e instigante parque nacional localizado no nordestino Piauí. Lá tem um incrível museu: O museu da Natureza¹. E lá eu pude exclamar: *Que experiência!*, e eu pude brasileiromente indagar: *O que é isto?* E, nordestinamente, profanar: *Que porra é esta?*

¹ O Museu da Natureza foi inaugurado em 2018. É projeto desenvolvido pela Fundação do Museu do Homem Americano (Fumdhm) com curadoria de Marcello Dantas.



E a pensadora da Educação em Geografia se fez presente. Havia ali algo *terrivelmente inquietante*: um museu da natureza, seria, pela tradição, algo mais ligado à geografia física, entretanto o que se via, ali, era o homem (in)visivelmente presente.

Imediatamente me vem a ideia de parafrasear Edward Soja (1993) que em sua obra a Geografia Pós-moderna declara que: *não é geografia que tem que se tornar marxista, mas o marxismo que tem que se tornar geográfico* (aqui não entrando na consideração que se tem que marxear seja lá o que for). Então vislumbro eu: não é a geografia física, proposta tão corriqueira, que tem que trazer o humano, mas é a geografia humana que tem que ser um pensar sobre a natureza (aqui não entrando na consideração que se tem que classificar a geografia em física e humana).

Me espanto em perceber (tardamente?) que Natureza não é um dos conceitos caros à Geografia, notadamente à Educação em Geografia. Do que estamos falando quando usamos o termo *Natureza*? E me lembro do título da obra de 1996 de Milton Santos *A Natureza do Espaço*. E não é que o termo já estava lá? Não é à toa que considero este livro seminal para a Geografia, a meu ver, com pensares bem distantes do racionalismo das análises sobre globalização presentes em últimos trabalhos do famoso geógrafo.

Estes 2 pontos, proposições para a Educação em Geografia precipitadas pela apreciação do Museu da natureza, podem, assim, serem sintetizados: trazer a natureza para o que insistimos em chamar Geografia Humana, conceituando-a (natureza).

No museu, conheci o conhecido. Um eterno retorno pelo qual o conhecimento conhecido torna-se conhecimento outro. Um conhecimento que está dentro, pois já existia, e está fora, pois é um *outro* (DERRIDA, 1991). Um outro, pois não é aprofundamento que ocorre pelo estudo entendido como mais informação e, sim, um processo de convergências. Precipitação de possibilidades que acontecem em momento singular em que alguns alertas estão acionando esta precipitação. Considero que o que me aconteceu no museu, teve a possibilidade de acontecer deste modo, por que uma semana antes, assisti ao filme *Oppenheimer* (2023) que me fez pensar como tenho me distanciado das férteis metáforas da física quântica, tão usadas quando da presença física do Prof. Felipe Serpa² na Faculdade de Educação da UFBA.

Assim dito, vamos ao museu:

² O Professor Felipe Serpa, falecido no final de 2003, foi meu mentor. De formação inicial em Física, se embrenhou pela área de Educação para a qual muito contribuiu. Era chamado na FAGED/UFBA de Pagé.

Figura 1. No Museu da Natureza



Fonte: arquivo pessoal da autora

O texto inicial da curadoria tem por título *Tudo ou Nada*. Dele retiro alguns enxertos

Um museu sobre a natureza é um museu sobre tudo e corre o risco de ser um museu sobre nada.

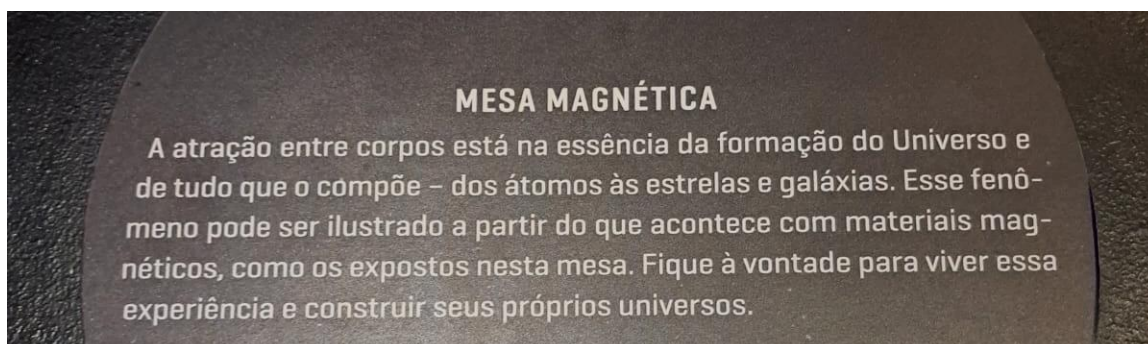
Ao ler este trecho me pareceu natural (olha o termo aí) que, sendo sobre tudo, é, também, sobre o homem. E problematizei: a tal Geografia Humana ao desviar o homem deste Tudo, não estaria sendo sobre o Nada?

Neste museu o tempo não se manifestará por relógios ou cronologias, mas do movimento das nuvens ... diferente da evolução linear do tempo cronológico são manifestações espasmódicas: a cada suspiro altera o rumo das espécies, as possibilidades de vida e a biodiversidade... O clima é o verdadeiro maestro das transformações e foi ele que fez da Serra da Capivara um lugar tão único no planeta.

Cadê o movimento das nuvens na Educação em Geografia? Penso que não é negar uma evolução linear, cronológica, mas sabê-la parte “perdida” em um todo fractal. E rasurando o texto da curadoria do museu, quero pensar clima, também, metaforicamente. Tudo depende do clima que estiver rolando.

Caminhemo-nos, pois, no multiverso que é este museu. A hora de algo terrivelmente inquietante, de maçãs caindo em nossa cabeça: A mesa magnética.

Figura 2. A mesa magnética no Museu



Fonte: arquivo pessoal da autora

Sendo obediente às instruções, fiquei à vontade para viver a experiência e construí, sim, meus universos. Explicando a mesa magnética: o tampo compunha-se de um desenho movente, em ondas, que se alterava a qualquer movimento.

Construí um universo para a Educação em Geografia: nestas moventes ondas quânticas está o homem. Incontrolavelmente, precariamente, provisoriamente. Sem protagonismos, sem identidades fixas, sem origem.

Estes são termos com uma sólida história de uso ligada à superação humanista, notadamente, a crítica. Busca-se por identidade, por origem, de controle dos riscos. Mesmo que uma história destes conceitos distanciados da ideia de superação sejam comuns a diversos estudos/pensares – nos niilismos tanto passivos como ativos, na potente literatura russa do século XIX, em campos das abordagens pós como o pós-estruturalismo e o pós fundacional, e mesmo na máxima positivista “verdade até a próxima informação”, e, citando mais especificamente, os trabalhos sobre os “problemas da origem” discutidos por Bhabha (2005) e os estudos sobre o Precário em Judith Butler (1992) - emergem na Educação em Geografia quadros/frames, - incluindo-se aqui até estudos que abraçam alguma, ou algumas, das abordagens citadas - ligados a fixidez, ao controle, ao heroísmo.

Esta inconsistência, faz muito, é parte do conjunto de meus dilemas e, alí, olhando de frente a mesa magnética, me veio a lembrança da, tornada clichê, frase do geógrafo Jean Dresch (2016): *Chega de geografia sem drama*. E eu enxerguei o drama, o drama está em pertencer a natureza.

Mas, o que seria natureza? E natureza humana? Aqui desviaremos nossos pensamentos insones de imaginar a natureza como *essência* – aquilo que é desde sempre – ou imaginá-la como *origem* – o mito

fundador. Penso aqui natureza como a Força ativa que estabelece e tenta manter o que seria pretensamente a ordem natural do Universo e/ou primeva de cada universo (CARVALHO, 2022).

É assim, afogada nos movimentos em onda de uma macro-escala, adentro em uma nova sala do instigante museu.

Figura 3. Sala do Museu



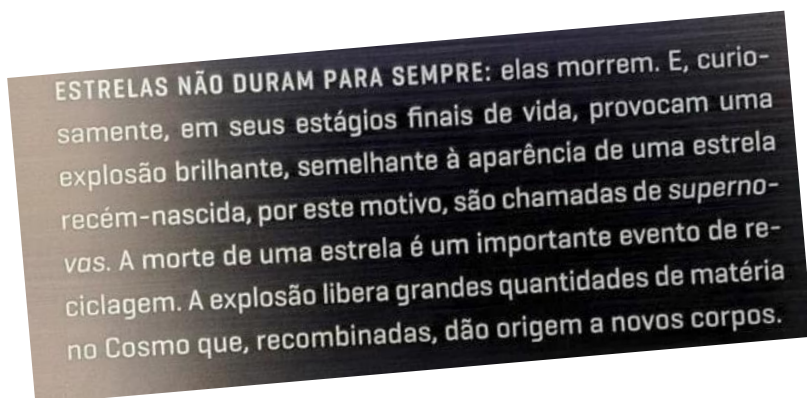
Fonte: arquivo pessoal da autora

Uma sala, repleta de pequenos cubos de vidro contendo pequenos objetos dos mais diversos, nos traz de volta a respiração, em um espaço onde as ondas parecem contidas, e descobre-se que o mundo é, também, partícula.

É no micro, o lugar em que ganhamos certo protagonismo, identidades, e até origens. De levados pelas ondas (mesa magnética) a aprisionados (os pequenos cubos de vidros) e tudo no mesmo lugar no mesmo tempo. A questão é que quadros geográficos que descartam o deslizamento onda/partícula, fixam o homem no mundo das partículas. Uma centralidade micro que é universalizada e a vida em onda é desconsiderada em um discurso que apresenta fortes fundamentos. Podemos citar as recorrentes críticas aos estudos euro-centrados e, também alguns, estudos anticoloniais que apenas invertem a seta. É como se tudo fosse possível, bastasse querer. E vamos ensinando, considerando as mazelas do mundo são os outros, que apenas falta vontade política, enquanto vamos sendo levados pelas ondas da Natureza.

E entre ondas e partículas, micro e macro, adentro em nova sala e fui chamada a olhar para o céu:

Figura 4. Estrelas não duram para sempre.



Fonte: arquivo pessoal da autora.

A opção é terminar este passeio, de afetações teóricas, com este texto de uma das 12 salas deste museu plantado em um parque nacional do semiárido nordestino. Ele me tocou como um alento. Precisamos falar da morte, pois ela é construção de novos corpos. Ele, o texto, infinita o finito.

Este texto, naquela sala, faz ressoar em mim o que formulou Felipe Serpa:

Reconheço, hoje, que a infinitude está presente em cada um de nós, como potência, o que nos possibilita sermos iguais e, ao mesmo tempo, a finitude expressa-se em cada um de nós, como acontecimento, o que nos faz singulares e únicos. Assim, somos iguais em potência, virtualmente, e somos singulares nos acontecimentos. Mais significativo ainda é que cada acontecimento é acompanhado pela infinitude potencial, como o lançamento de uma moeda produz um acontecimento que é acompanhado por esta (SERPA, 2011, p. 229).

Acionar esta frase, naquela sala, me fez traduzi-la. Quem é o nós aí referenciado? Fico com a versão que este nós é qualquer elemento presente, sempre ecologicamente, no mundo.

(DES)ENCONTROS CAÓTICOS

Seriam estes pensamentos - intersecções de expressões da produção, de conteúdo, de forma - potentes linhas de fuga para uma Geografia marginal? Quadros geográficos, frames problematizadores de limites, fronteiras, binarismos, espaços comuns, centralidades, cernes do pensamento, suposições de plenitude, padrões, fundamentos e pressupostos lidos como seguros? Uma perspectiva geográfica via Natureza, não como a volta a uma geografia sem homem a partir do entendimento que natureza existe na ausência humana. Mas uma volta ao futuro com conceituações outra de natureza pelas quais o homem é parte dela e, também, possui uma natureza.

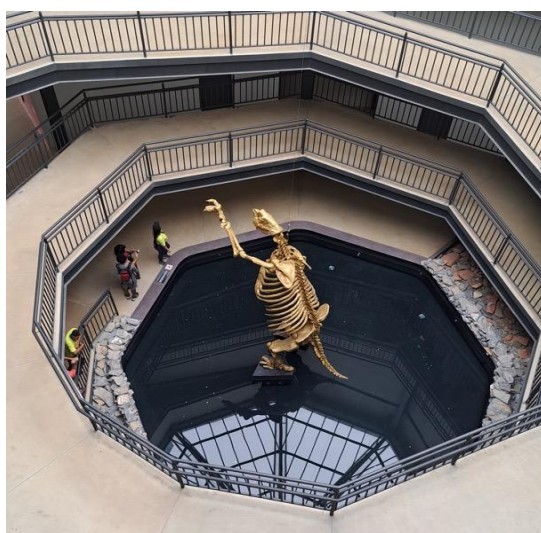


Um frame de uma ecologia radical, que chamarei de pós-humanismo. Um devir-natureza. Um chamado para outro artigo em que o (des)encontro de expressões da produção, de conteúdo, de forma singulares serão possíveis graças a afetações que antecederam a ele. O eterno retorno.

IMAGENS FINAIS

O museu da Natureza recebe seus visitantes com o esqueleto de uma Preguiça Gigante, testemunho da megafauna, centralmente localizado no hall de entrada. Um eterno retorno?

Figura 5. Hall de entrada do Museu.



Fonte: arquivo pessoal da autora

Em um ponto do parque, vislumbra-se o edifício do museu. O semiárido invadido pela própria natureza?

Figura 6. O museu no parque.



Fonte: arquivo pessoal da autora



REFERÊNCIAS

- A história (talvez) verdadeira de Newton e da maçã. Público, 2010. <https://www.publico.pt/2010/01/20/jornal/a-historia-talvez-verdadeira-de-newton-e-da-maca-18623813>. Acesso em: julho de 2023
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Ed. UFMG: Belo Horizonte, 2005.
- BUTLER, J. **Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do “pós-modernismo”**. In: Butler, J; Scott, J. W (Eds.). *As feministas teorizam o político*. 1ª ed. Nova York: Routledge. 1992. 502p. p. 3-21.
- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Tradução de Alfredo Bosi e Ivone Castilho Benedetti. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 1026p.
- BATALHA, E; Bento, S. Arquimedes criou o conceito de empuxo tomando banho. Disponível em: <https://memoria.ebc.com.br/infantil/voce-sabia/2015/08/eureka-saiba-como-arquimedes-criou-o-conceito-de-empuxo-tomando-banho>. Acesso em: julho de 2023.
- CARVALHO, M. Inez. **O a-con-tecer de uma formação**. Revista da FAEEBA - **Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 17, n. 29, p. 159 a 168. Jan./jun., 2008.
- CARVALHO, M. Inez. **A teoria, na prática, é outra? A teorização nos mestrados Profissionais em Educação**. in: **ENDIPE**, XIX, 2018, Salvador. Para onde vai a didática? O enfrentamento às abordagens teóricas e desafios políticos da atualidade, Salvador: anais do XIX ENDIPE, 2018.
- CARVALHO, M. Inez; SILVA, Elisio J. Filho (org.). *Conversas insones: pensamentos sobre currículo*. 1ª ed. Salvador: EDUFBA, 2022. 318p.
- DERRIDA, Jacques. **Margens da filosofia**. Tradução: Joaquim Torres Costa, António M. Magalhães. 1ª ed. Campinas: Papirus, 1991. 316p.
- DEWEY, John. A arte como experiência. in: DEWEY, John. **Dewey: Os Pensadores**. 2ª. ed. São Paulo: Abril Cultura, 1980. 334p. (colocar página inicial e final do capítulo)
- DRESCH, J. Reflexões sobre a Geografia. **Geosp** – Espaço e Tempo, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 207-214. Maio de 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/302919979_Reflexoes_sobre_a_geografia. Acessado em julho de 2023.
- GOMES, Paulo Cesar C. **Quadros geográficos: uma forma de ver, uma forma de pensar**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2017. 160p.
- LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Tradução: João Wanderley Geraldi. Rio de Janeiro: v. 1, n.19, p.20-27. Abr. 2002.
- MARQUES, Vitor. *Cartografia Profana: uma Experiência do Absurdo na Geografia Escolar*. 2022. 134f. **Dissertação** (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022
- MARTINS, Roberto de Andrade. A MAÇÃ DE NEWTON: HISTÓRIA, LENDAS E TOLICES. In: SILVA, Cibelle C. (org.). **Estudos de história e filosofia das ciências: subsídios para aplicação no ensino**. 1ª ed. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2006. 416p. p.167-189.
- MUSIL, Robert. **O jovem Törless**. Tradução: Lya Luft. 00 ed. São Paulo: Folha de São Paulo, 2003. 157p.
- OPPENHEIMER. Direção: Christopher Nolan. **Produção de Sybcopy Inc. e Atlas Entertainment**. Estados Unidos: Universal Studios, 2023.
- SANTOS, Ana Paula Moreira. **A experiência na formação, a formação na experiência e a ampliação da esfera de presença**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.
- SOJA, Edward W. *Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica*. Tradução: Vera Ribeiro. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1993. 324p.
- SERPA, Luiz Felipe Perret. **Rascunho digital: diálogos com Felipe Serpa**. 1ª ed. Salvador: EDUFBA, 2011. 322p.